

O ESTRANGEIRO EM CORINTO ARCAICA*

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima**

Résumé

Cet article a pour but démontrer les rapports et conflits entre l'étranger – le rite d'hospitalité –, le commerce, l'artisanat et l'idée de la mer à Corinthe pendant la Tyrannie des Cypselides.

Mots-clé: *Corinthe; Tyrannie des Cypselides; Étranger; Rite de l'hospitalité.*

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em analisar as relações e os conflitos entre o estrangeiro – o rito de hospitalidade –, o comércio, o artesanato e a noção de mar durante a Tirania dos Cipsélidas.

Palavras-chave: *Corinto; Tirania dos Cipsélidas; Estrangeiro; Rito de hospitalidade.*

Quando nós historiadores estudamos as práticas econômicas das *póleis* no período arcaico (século VIII ao VI a.C.), nos deparamos com sérios problemas. Não somente pela escassez de dados, mas muitas vezes pelas informações distorcidas contidas nas próprias fontes. Os autores antigos, tanto os gregos quanto os da literatura latina, criaram uma imagem particular para aqueles que praticavam o comércio e o artesanato. Daí, a necessidade de recorrermos a outros dados, extraídos de distintas fontes.

Lembremos que muitos desses autores viviam de riquezas oriundas da terra. A agricultura, para muitos deles, era uma atividade valorizada. E

* Este artigo foi apresentado em forma de comunicação na VIII Jornada de Estudos da Antiguidade do CEIA/UFF, em 12 de julho de 2006.

** Professor adjunto de História Antiga do Departamento de História da UFF. Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA)/UFF.

não podemos esquecer que a terra para os gregos era uma divindade – *Gaia*. O intuito deste breve artigo consiste justamente em colocar em discussão um espaço separado da terra, mas ao mesmo tempo a ela relacionado: o mar. Comerciantes e artesãos cruzavam o Egeu e o Mediterrâneo em busca de riquezas, trabalho e esperanças de uma vida melhor.

O mar, segundo Ana Livia Bomfim Vieira, “representava um caminho para a conquista de novas terras e uma das vias de comunicação com outros povos.” (2005, p. 74) A autora frisa que o termo *pontos* poderia ser utilizado para designar ‘mar’ e significava também ‘caminho’, ‘passagem’. Desde o século VIII a.C., período de formação das *póleis*, os helenos sentiram a necessidade de fundar novas cidades/colônias (*apoikíai*), navegaram tanto no Egeu quanto no Mediterrâneo e entraram em contato com outros povos. Contudo, os gregos forjaram uma outra imagem do mar: “A imagem do mar, irregular, flexível, ora amigável, ora tenebroso, carregava também um caráter negativo que poderia envolver o corpo social. A ambivalência do mar poderia contaminar os cidadãos. Estes não seriam mais justos e retos e sim, ardilosos” (VIEIRA, 2005, p. 76).

A partir de Homero, em sua **Odisséia**, encontraremos essas idéias diluídas nos textos. E quando encontramos nos documentos o mar, a *pólis* e suas práticas econômicas, verificamos que a construção desta imagem, por parte dos autores antigos, fica bem mais clara. Corinto, por exemplo, era uma *pólis* que vivia do contato estreito com os mares. Seus dois principais portos, *Léchaion* e *Kenchréai*, permitiam aos coríntios o contato com o Ocidente e o Oriente, respectivamente. A *pólis* dos coríntios no século VIII a.C. participou do movimento de colonização do Mediterrâneo Ocidental e, desde esta época, o comércio no Istmo estava presente.

Os autores antigos não vão deixar de apresentar os possíveis transtornos de uma *pólis* voltada para os mares, como foi o caso de Corinto. Os seus habitantes estariam sujeitos a toda espécie de contato e contaminação. Aristóteles, em sua **Política**, expõe algumas opiniões acerca deste debate:

Há muitas discussões a propósito dos benefícios ou desvantagens das comunicações marítimas para as cidades dotadas de boas leis. Afirma-se que a presença de pessoas acostumadas a outras instituições é nociva à boa ordem, tanto quanto a população excessiva; isto decorre do uso do mar e do fato de haver sempre um

grande número de negociantes indo e vindo, e é contrário a um bom governo (PLATÃO. **Política VII**, 1327 b).

Nesta passagem de Aristóteles, fica clara a sua visão de que o mar pode proporcionar um perigoso contato com estrangeiros. Vejamos mais uma passagem de um autor bem posterior e de outra sociedade. Cícero, em sua obra **Da República**, expressa uma opinião bastante próxima daquela de Aristóteles:

São também freqüentes, nas cidades marítimas, a mudança e a corrupção dos costumes, pois os idiomas e comércios estranhos não importam unicamente mercadorias e palavras, mas também costumes, que tiram estabilidade às instituições destas cidades. Os próprios habitantes são pouco afeitos aos seus lares; suas esperanças e pensamentos os arrastam para longe, e, quando o corpo descansa, vaga errante o espírito. Não foi outra a principal causa da decadência de Cartago e de Corinto senão essa vida errante, essa dispersão dos cidadãos, aos quais a ânsia de navegar e enriquecer fez abandonar o cultivo dos campos e o prazer das armas (CÍCERO. **Da República II**, 4).

O mar, a relação com estrangeiros e o comércio podem, nas palavras de Aristóteles e nas de Cícero, desestruturar uma cidade-Estado. Seus habitantes estariam assim em constante contato com idéias, valores, costumes que poderiam ser nocivos à boa ordem da comunidade. Cícero foi explícito citando Corinto. Para o orador romano, a *pólis* do Istmo caiu nas armadilhas das atividades marítimas.

Mas será que os helenos viam o mar, o comércio e outras atividades relacionados a ele da mesma forma que os autores acima citados? Acreditamos que não. Estamos lidando aqui com representações criadas por grupos específicos dessas sociedades. Aristóteles e Cícero participaram de elites políticas e econômicas de suas comunidades. Eles comungavam com o ideal do homem de viver da terra e olhar com desconfiança para o navegador, para o comerciante e também para o artesão.

Xenofonte, em sua obra **O Econômico**, acreditava que o agricultor era um melhor amigo e cidadão (*polités*) quando comparado ao artesão (*baunasós* – sentido pejorativo). O artesão não teria um corpo vigoroso, pelo contrário, o trabalho no *ergasthérion* (oficina) arruinaria tanto o cor-

po quanto a alma (IV, 2). Voltamos a frisar que evidentemente os artesãos não se viam dessa forma. Alguns grupos criaram estas idéias a respeito das atividades relacionadas ao mar.

Para compreendermos melhor esta questão do comerciante/estrangeiro/artesão e o mar, devemos analisar o papel do ritual de hospitalidade – *xenia*. Em uma *pólis* voltada para as atividades marítimas, a hospitalidade se materializa como um ritual que irá intermediar a passagem do estatuto de estrangeiro/perigoso para comerciante/amigo, um elemento aceito no Istmo – território privilegiado para os contatos comerciais, religiosos e culturais (VAN GENNEP, 1979, p. 46-47).

Os termos ligados à hospitalidade foram estudados por Émile Benveniste. O autor esclarece que o ritual da hospitalidade estava sob a proteção de Zeus *Xénios*, ou seja, possuía um caráter sagrado. Aquele que é recebido aparece na documentação como *xénos* (estrangeiro); o que recebe, *xenodókhos*. Benveniste diz que tanto *xénos* quanto *hostis*, o termo latino, designam estrangeiros, e não podem ser traduzidos como inimigos (BENVENISTE, 1969, p. 95-96).

Para Alfonso Mele a hospitalidade é um dos pilares do comércio (comércio-*préxis*) no período arcaico. O coríntio Demáratos (*áristos* baquíade) possuía laços de hospitalidade com os nobres locais etruscos e uma vez em viagem à Tarquínia casou-se com uma mulher ilustre. O comércio arcaico, segundo Mele, está apoiado na prática da *xenia*. O comércio-*préxis* é uma atividade de *bíotos*, troca de cereais e de vinho, além de escravos e de metais, orientados para locais de comércio determinados, garantidos pelas relações de *xenia* e o respeito à sacralidade que o estrangeiro possui (MELE, 1979, p. 74).

Desta forma, os coríntios edificaram marcos culturais em seu território com o intuito de praticar uma espécie de ‘purificação’ dos estrangeiros que estavam de passagem no Istmo. A Tirania Cypsélida fomentou o culto de Afrodite na Acrocorinto. Neste culto, as *hiérodoules*, as escravas sagradas da deusa, recebiam os estrangeiros na *ásty* da *pólis* (ESTRABÃO. **Geografia VIII**, 378-379, (20).

Além deste marco, Pausânias nos informa que em *Léchaion* – porto voltado para o Ocidente – há um santuário de Poseidon e uma imagem de bronze; indo no caminho do Istmo a *Kenchréai*, há um templo de Ártemis e um *xoána*. No porto de *Kenchréai* – voltado para o Oriente – há um templo

de Afrodite, uma estátua da deusa e de Poseidon (PAUSANIAS. **Descrição da Grécia II**, 2, 3).

A partir deste relato, verificamos que os coríntios utilizaram Afrodite, Ártemis e Poseidon com o objetivo de criar um cinturão de proteção a tudo e a todos que chegavam, pelo mar, em seus dois principais portos. Nesses espaços sagrados, os estrangeiros de passagem pela cidade poderiam praticar ritos de hospitalidade. Eles seriam aceitos na comunidade por meio desses rituais, principalmente dedicados às divindades relacionadas às margens/limites (Ártemis), à hospitalidade e ao comércio (Afrodite), e à navegação (Poseidon).

A análise do politeísmo, segundo Marcel Detienne, pode nos proporcionar informações a respeito de diversos sistemas e esferas que compõem uma sociedade (DETIENNE, 2000). Os tiranos de Corinto fomentaram os cultos de Afrodite, tanto na *ásty* quanto no Istmo, e de Poseidon, no Istmo e em *Penteskouphia* (LIMA, 2005). Cultos esses relacionados ao comércio, hospitalidade e artesanato. Isso demonstra a preocupação e a interferência da política na economia utilizando a esfera sagrada.

O estrangeiro, principalmente o que vinha pelo mar, poderia ser visto inicialmente com certa hostilidade. Entretanto, a partir da mudança de seu *status*, quer dizer, de estrangeiro para ‘comerciante amigo’, por meio da hospitalidade, ele seria aceito pela comunidade e realizaria todos os ritos para perpetuar os laços de amizade.

Documentação escrita

- ARISTOTLE. **Politics**. Trad. H. Rackham. London: William Heinemann, 1950. (The Loeb Classical Library)
- CÍCERO. **Da República**. Trad. A. Cisneiros. São Paulo, Edipro, 1995.
- PAUSANIAS. **Description of Greece**. Books I and II. Trad. W. H. S. Jones. London: William Heinemann, 1992. (The Loeb Classical Library)
- STRABON. **Géographie**. Tome V (Livre VIII). Trad. Raoul Baladié. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- XÉNOPHON. **Économique**. Trad. Pierre Chantraine. Paris: Les Belles Lettres, 1993. (Collection des Universités de France)

Bibliografia

- BENVENISTE, Émile. **Le vocabulaire des institutions indo-européennes**. v. 1: Économie, Parenté, Société. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.
- DETIENNE, Marcel. **Comparer l'incomparable**. Paris: Seuil, 2000.
- LIMA, A. C. C. O estudo do politeísmo em Corinto Cypsélida. *In*: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE, R. M. da C. **Memória & Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- MELE, A. **Il Commercio Greco-Arcaico: Prexis ed Emporie**. Naples, 1979.
- VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VIEIRA, A. L. B. **Os pescadores atenienses: a métiis da ambivalência na Atenas do período clássico**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2005.